

**(Re)conhecer para dialogar:
A Universidade Popular dos Movimentos Sociais como
um Projeto Educativo Emancipatório**

Ana Maria Prestes Rabelo¹

Gilsilene Passon Francischetto²

Introdução

Em um mundo cada vez mais interconectado, quão conectados estão os coletivos humanos e as suas aspirações? Poderíamos dizer que aqueles que estão do lado hegemônico da globalização encontram-se fortemente sincronizados e em permanente diálogo. Já encontraram códigos (inglês, linguagem financeira), ambientes autônomos (arena transnacional) e meios rápidos (tecnologias de telecomunicações) para efetivarem uma regulação ao mesmo tempo difusa e efetiva. Em contrapartida, as organizações e movimentos que vem vocalizando os parâmetros de uma globalização contra-hegemonica encontram sérias dificuldades para dialogar e potencializar os meios rápidos de comunicação, apesar de já terem demonstrado uma enorme capacidade de criar espaços autônomos de articulação, como o Fórum Social Mundial.

O maior desafio não é o tecnológico, ao menos por enquanto, mas essencialmente cultural. Quebrar as fronteiras históricas e conjunturais que separam movimentos que frequentemente realizam atividades em comum parece mais difícil do que se poderia supor a uma primeira vista. Marchar lado a lado durante um protesto contra a guerra é confortável e indolor, porque a diferença, nesses casos, é bem vinda e desejada, demonstra força, adesão, capacidade mobilizadora de cada movimento. Os limites e o desconforto surgem com a necessidade de explicar ou <traduzir> as específicas fontes que geram a concepção que cada movimento tem sobre a guerra e a paz.

¹ Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil). Atualmente realizando estágio de doutorado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal).

² Pós-doutoranda pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal).

A idéia de uma Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS) surgiu no âmbito do Fórum Social Mundial (FSM) com a identificação desta barreira, ou melhor, da ausência de conhecimento recíproco entre os movimentos e organizações. Seu objetivo, segundo Boaventura de Sousa Santos, um dos idealizadores, é proporcionar a auto-educação dos ativistas e dirigentes dos movimentos sociais, cientistas sociais, investigadores e artistas empenhados na transformação social progressista³. É importante ressaltar que educação e conhecimento, neste caso, não são entendidos como reprodução de uma educação formal e elitista, mas a promoção e a valorização crítica da enorme diversidade dos saberes e práticas protagonizados pelos diferentes movimentos sociais e organizações no interior da globalização contra-hegemônica.

O que se pretende é criar um novo tipo de relação entre o conhecimento científico e outras formas de conhecimento dando possibilidade à geração de uma ecologia de saberes, frente a uma monocultura do conhecimento científico. A constatação de que a proliferação desta ecologia de conhecimentos e práticas suprimidos, marginalizados e permanentemente deslegitimados não se dará de forma espontânea, muito menos nos centros convencionais de produção do saber científico, levou algumas organizações e movimentos participantes do FSM a construir uma proposta de Universidade Popular dos Movimentos Sociais – Rede Global de Saberes.

O Fórum Social Mundial e o diálogo inter-movimentos

O Fórum Social Mundial, ao longo de sete anos de existência conseguiu, entre outras coisas, expressar as aspirações, os métodos e os limites da ação conjunta de organizações e movimentos que se identificam com a resistência e negação da globalização neoliberal. Cada evento do FSM, ao ser avaliado, pelos seus participantes e observadores externos, era apontado como mais ou menos rico na expressão de diferentes práticas desta resistência.

³ Por um lado, visa auto-educar os ativistas e dirigentes dos movimentos sociais e ONGs, fornecendo-lhes grelhas analíticas e teóricas adequadas. Estas deverão permitir-lhes aprofundar a compreensão reflexiva da sua prática – os seus métodos e objetivos – acentuando a sua eficácia e consistência. Por outro lado, a UPMS visa auto-educar os cientistas sociais/investigadores/artistas, progressistas que estejam interessados em estudar os novos processos de transformação social e contribuir para o seu fortalecimento, oferecendo-lhes a oportunidade de um diálogo direto com os protagonistas destes processos. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do tempo**. Para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006. p.157.

Assim, o FSM de Mumbai (2004) é muito elogiado como o que melhor expressou a diversidade de movimentos, muitos deles assentados em fontes cognitivas não ocidentais. Enquanto os primeiros eventos, em Porto Alegre (2001, 2002), foram bastante criticados pelo formato quase acadêmico, dentro da tradição ocidental, de organização das comunicações dos participantes e seus movimentos.

Atualmente, o FSM e seus organizadores enfrentam alguns desafios na afirmação das perspectivas futuras de um processo que já se desdobrou em diversas formas de expressão. Desde encontros locais, regionais e temáticos a redes e coletivos de movimentos que o FSM propiciou e que já criaram pernas próprias. Walden Bello, diretor da Focus on the Global South, uma das organizações que vem participando do FSM desde o seu princípio, questionou recentemente:

Será o FSM ainda o veículo mais apropriado para a nova etapa de lutas por justiça global e movimentos pela paz? Ou, tendo preenchido sua função histórica de agregar e conectar os diversos movimentos altermundialistas gerados pelo capitalismo global, será tempo para o FSM dar caminho para novas formas de organização global da resistência e transformação?⁴(Tradução livre)

Independentemente das respostas que ainda serão dadas a esta pergunta, o fato é que o próprio FSM gerou seu avanço ao promover a conexão dos diferentes movimentos sociais e dar-lhes a possibilidade de construir um diálogo inter-temático. Segundo Boaventura de Sousa Santos, em uma comunicação durante o Fórum Social Mundial de Nairobi (2007), o FSM lançou uma questão aos movimentos sociais: a de que não pode haver justiça social global sem justiça cognitiva global. O que, por sua vez, apresenta a necessidade premente de produzir práticas mais democráticas de conhecimento para criar as possibilidades de fortalecer ações políticas coletivas entre os diferentes movimentos e continentes.

Ainda segundo Boaventura de Sousa Santos⁵, há duas razões fundamentais para criar um diálogo intercultural entre os movimentos. A primeira é o enfrentamento de uma situação

⁴ Is the WSF still the most appropriate vehicle for the new stage in the struggle of the global justice and peace movement? Or, having fulfilled its historic function of aggregating and linking the diverse counter-movements spawned by global capitalism, is it time for the WSF to fold up its tent and give way to new modes of global organization of resistance and transformation? In: BELLO, Walden. **The Forum at the Crossroads**. Foreign Policy in Focus. Maio, 2007. Disponível em <http://www.fpif.org/fpiftxt/4196>.

⁵ Durante uma comunicação no FSM 2007 em Nairobi.

criada pelo capitalismo, que conseguiu produzir idéias revolucionárias em contextos reacionários, como as universidades e centros de investigação tradicionais. Os movimentos populares e o conhecimento popular são deixados propositadamente de fora, qualificados como não cumpridores dos quesitos necessários para desfrutar do meio acadêmico. Deste modo, os conhecimentos revolucionários ficam estéreis, pois, mesmo que progressistas, ao serem isolados dos movimentos não valem de nada, não são transformadores em si mesmos. Por outro lado, os movimentos populares também criam uma couraça anti-conhecimento científico. São dois fundamentalismos a serem desconstituídos, o fundamentalismo por parte dos movimentos anti-conhecimento científico e por parte dos cientistas um fundamentalismo anti-conhecimento popular.

A segunda razão reside no aprendizado de que cada movimento social cria seu próprio conhecimento, a partir das suas ações, das suas práticas, da formulação de suas estratégias. Feministas, ecologistas, indígenas, trabalhadores, camponeses, cada um dos diferentes temas que agregam lutadores sociais acaba criando sua própria linguagem e conceitos. Alguns usam o termo emancipação, outros preferem dizer libertação. Conceitos como socialismo ou comunismo são polêmicos, embora ditos de outras formas acabem expressando as mesmas aspirações por uma sociedade mais justa. Se ao fim e ao cabo estão todos unidos em uma luta por um outro mundo possível, é preciso encontrar uma maneira propícia de gerar conhecimento mútuo entre os diferentes movimentos.

A técnica de tradução intercultural é a proposta adotada pelos idealizadores da UPMS para criar esta inteligibilidade necessária sem destruir a autonomia dos movimentos, suas linguagens próprias e conceitos, observando o que os divide e o que os une para tentar organizar ações coletivas. Segundo Boaventura de Sousa Santos, muitas vezes o que separa os movimentos não são questões de conteúdo, mas antes de linguagem, de diferentes tradições históricas e culturais de luta. Veremos a seguir como a proposta de uma educação intercultural surge no âmbito de um projeto educacional emancipatório já enunciado pelo professor Paulo Freire nas décadas de 60 e 70 do século passado.

A educação como prática emancipatória: de Paulo Freire a Boaventura de Sousa Santos

Segundo Moacir Gadotti, diretor do Instituto Paulo Freire⁶, através da proposta de um trabalho de tradução intercultural, Boaventura de Sousa Santos estaria reinventando com muito êxito o legado deixado por Paulo Freire.

Paulo Freire desenvolveu propostas para uma prática comprometida com a transformação social em um contexto histórico marcado pelas lutas por libertação na América Latina dos anos 60 e 70. Tendo enriquecido sua experiência quando aperfeiçoou seu método pedagógico em terras africanas, dialogando com importantes intelectuais como Amílcar Cabral. O objetivo do método freiriano era dar visibilidade ao oprimido como ator, sujeito, e não como mero espectador da história:

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, só poderá desenvolvê-la na medida em que, refletindo sobre suas condições espaço-temporais, introduzir-se nelas, de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais.⁷

Dentro da sua concepção os seres humanos deveriam ser vistos como seres inconclusos, ao mesmo tempo cunhados pelo seu trabalho, sua práxis, curiosidade e necessidade de ler a realidade tal como ela é e não como os conhecimentos científicos já formalizados a apresentam.

O método trabalhado por Freire propõe uma investigação cultural temática, a partir da cultura de cada coletivo humano, criando círculos de cultura como ambientes de troca e decodificação cultural. Esses círculos de cultura serão reinventados por Boaventura de Sousa Santos como as zonas de contato intercultural: ambiente de diálogo e trocas interculturais cosmopolitas, como veremos mais adiante. A partir do trabalho de decodificação elabora-se uma resignificação dos vocábulos e conceitos gerando um salto de compreensão entre os envolvidos, fundamental para a produção da ação cultural e política transformadora. Não bastaria, portanto, conhecer e (re)conhecer os conceitos, assim como no caso da UPMS não

⁶ Durante uma comunicação no FSM 2007 em Nairobi.

⁷ FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 61.

bastará (re)conhecer as diferenças culturais e temáticas, mas é preciso transformar os diálogos em práticas.

Uma prática comprometida com a transformação social só é possível ao se contrapor a um modelo de “educação bancária” e propor sua superação por meio de uma educação libertadora. Essa educação fundamenta-se na consideração dos homens como “corpos conscientes” em constante prática da problematização, atuando como sujeitos que agem e provocam transformações na sua realidade:

... a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. (...) Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.⁸

Será de fundamental importância, portanto, o reconhecimento de que a educação não é neutra, bem como sua relação com o mundo. Por isso, para Paulo Freire, a libertação autêntica - que é a humanização - não é algo externo aos indivíduos, mas “é práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.⁹

Dentro desta proposta pedagógica libertadora, toda ação educativa precisa ser precedida de uma reflexão acerca do próprio homem e de seu meio de vida, sob pena de se adotar diretrizes de trabalho que o reduzam a mero objeto e não sujeito do ato educativo. Os homens são vistos como seres históricos e, portanto, inacabados:

Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um quefazer permanente.¹⁰

Assim, o objetivo primordial de toda educação é provocar e criar meios para que o homem possa desenvolver uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a ação. Ao referir-se à educação como um “que fazer permanente” o autor demonstra que a construção da

⁸ FREIRE, Paulo. **Conscientização**: Teoria e prática da libertação. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980, p. 64.

⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 67.

¹⁰ Ibidem, p. 73.

consciência crítica é um processo contínuo. E é justamente deste significado que está carregada a proposta da UPMS, um processo contínuo e permanente de formação e auto-formação, de crítica e auto-crítica na confecção de uma extensa malha de fontes cognitivas distintas e complementares.

Esse processo é fundamentalmente permanente porque, como alertava Paulo Freire, os homens vivem numa tensão entre a humanização (ser mais) e a desumanização (ser menos), sendo que só a primeira pode ser considerada como uma vocação humana. Tal vocação seria negada na ocorrência de injustiças, na exploração, na opressão e na violência dos opressores. Por outro lado, seria afirmada no anseio de liberdade, de justiça e de luta dos oprimidos pela recuperação de sua humanidade:

Na verdade se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos.¹¹

Esta tensão entre humanização e desumanização é flagrante nos dias de hoje ao confrontarmos uma crescente indiferença com o sofrimento e a tragédia humana provocada pelos resultados da exacerbação de todas as fontes possíveis de exploração capitalista. Frente a esta situação adota-se uma atitude desumana como se nada pudesse ser feito para mudar este quadro. Daí o enorme desafio de um projeto educativo que tem como objetivo central "recuperar a capacidade de espanto e de indignação e orientá-la para a formação de subjetividades inconformistas e rebeldes".¹²

Não basta, no entanto, a constatação deste cenário. A libertação não ocorrerá por acaso, “mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela(...)”.¹³ Sempre presente na obra de Paulo Freire está a idéia de práxis, entendida,

¹¹ Ibidem, p. 30.

¹² SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma pedagogia do conflito**. In: SILVA, Luiz Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos.(Orgs). *Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 17.

¹³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. p. 31.

justamente, como ação e reflexão dos homens sobre o mundo, com o objetivo de realizar transformações. Para Maria da Graça Nicoletti Mizukami, interpretando as idéias Freireanas:

O homem se constrói e chega a ser sujeito na medida em que, integrado em seu contexto, reflete sobre ele e com ele se compromete, tomando consciência de sua historicidade. O homem é desafiado constantemente pela realidade e a cada um desses desafios deve responder de uma maneira original. Não há receitas ou modelos de respostas, mas tantas respostas quantos forem os desafios, sendo igualmente possível encontrar respostas diferentes para um mesmo desafio.¹⁴

O Fórum Social Mundial nasceu desta idéia de que não basta constatar os múltiplos malefícios de uma globalização neoliberal fortemente hegemônica. É preciso entendê-la e confrontar com alternativas. O fortalecimento destas alternativas passa necessariamente pela criação de uma inteligibilidade mútua entre os diferentes movimentos e organizações que se encontram na luta por um outro mundo, que só será possível se houver um diálogo com forte intencionalidade de (re) conhecimento e construção coletiva. É justamente este diálogo intertemático que a UPMS pretende propiciar.

A importância do diálogo

Para que a práxis seja possível Paulo Freire acentua a importância do diálogo, que constitui um conceito muito presente em toda a sua obra. O diálogo é a palavra que, por sua vez, possui duas dimensões: a ação e a reflexão. Assim, deve haver uma interação entre esses elementos, não se podendo cogitar um sem o outro:

Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. (...) Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blábláblá. (...) É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação. Se, pelo contrário, se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em ativismo. Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo.¹⁵

Se o diálogo é a palavra e esta, para ser verdadeira, deve contemplar a ação e a reflexão, verifica-se que ele é o caminho para a práxis. E é justamente o trilhar deste caminho que os

¹⁴ MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: As abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986, p.

87.

¹⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Op. Cit, pp. 77-78.

idealizadores da UPMS vislumbraram como uma estratégia de promoção da quebra de alguns fundamentalismos provocados pelo capitalismo global que travam a manifestação de uma ecologia de conhecimentos e práticas. O fundamentalismo de uma elite acadêmica ocidental anti-conhecimento popular e o fundamentalismo dos movimentos populares anti-conhecimento científico. Os duelos travados entre estas fontes de conhecimento perpetuam uma realidade monocultural que desperdiça a experiência social e cognitiva rica em práticas e conteúdos não apreendidos pelos métodos formais de processamento do conhecimento científico ocidental. É preciso quebrar os fundamentalismos e promover o diálogo entre as distintas fontes cognitivas.

Os desafios para a promoção deste diálogo são imensos. Paule Freire, ao criticar o sistema educacional formal, já acentuava a dificuldade em desenvolver o diálogo na educação:

Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe? Ditamos idéias. Não trocamos idéias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção.¹⁶

É justamente nesta perspectiva crítica que o projeto da UPMS se localiza ao propor como tarefa a superação da distinção convencional entre o ensinar e o aprender. O ponto de partida necessário é o reconhecimento de uma ignorância recíproca, um sentimento de incompletude, e o ponto de chegada é a produção partilhada de uma ecologia de práticas e saberes. Ao que Paulo Freire acrescentaria outras exigências, entre elas: respeito aos saberes produzidos pelos grupos e sujeitos envolvidos, reflexão, crítica sobre a prática, consciência do inacabamento, bom senso, humildade, alegria, esperança, curiosidade, convicção de que a mudança é possível, comprometimento, liberdade, autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, disponibilidade para o diálogo e compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo¹⁷. Nas próximas linhas veremos como um projeto educacional

¹⁶ FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. pp. 104-105.

¹⁷ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. pp. 7-8.

carregado destas intencionalidades e fundamentalmente emancipatório se apresenta no formato de uma Universidade Popular dos Movimentos Sociais.

UPMS: Um projeto educativo emancipatório

A base epistemológica do projeto educativo emancipatório representado pela UPMS é composta pela Sociologia das Ausências e pela Sociologia das Emergências elaboradas por Boaventura de Sousa Santos. Através da primeira se buscará mais democracia social e a visibilização das práticas já desenvolvidas pelos vários movimentos sociais e ONGs que acreditam em um projeto contra-hegemônico. Já através da sociologia das emergências busca-se evidenciar o que por enquanto só existe como potencial através de:

... uma ampliação simbólica dos saberes, práticas e agentes de modo a identificar neles as tendências de futuro (o Ainda-Não) sobre as quais é possível actuar para maximizar a probabilidade de esperança em relação à probabilidade de frustração. Tal ampliação simbólica é, no fundo, uma forma de imaginação sociológica que visa um duplo objectivo: por um lado, conhecer melhor as condições de possibilidade da esperança; por outro, definir princípios de acção que promovam a realização dessas condições.¹⁸

A partir das dinâmicas proporcionadas pela sociologia das ausências e das emergências busca-se compreender onde estamos e para onde podemos caminhar, sendo necessário, para tanto, a presença de alguns elementos subjetivos. Para a sociologia das ausências seria a consciência cosmopolita e o inconformismo ante o desperdício da experiência, já a sociologia das emergências "é a consciência antecipatória e o inconformismo ante uma carência cuja satisfação está no horizonte de possibilidades".¹⁹ O inconformismo vai ser uma constante quando se trata tanto da sociologia das ausências, quanto das emergências.

A dinâmica de expandir o presente (ausências) e contrair o futuro (emergências) constitui o cerne de um projeto educativo emancipatório. Primeiro com a multiplicação e diversificação das experiências disponíveis pela via da ecologia de saberes e em seguida por meio de uma amplificação simbólica de experiências existentes em potencial. No entanto, o autor coloca duas questões fundamentais: como dar conta da diversidade inesgotável do mundo e qual a alternativa a uma teoria geral (pela impossibilidade desta de abranger as várias nuances da

¹⁸ SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo**. Op. Cit. p. 118.

¹⁹ Ibidem, p.118.

realidade). A resposta dada pelo autor que responde às duas questões é o trabalho de tradução, um "procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis".²⁰

A tradução poderá ocorrer tanto entre os saberes como entre as práticas e seus sujeitos. No primeiro caso dá-se sob a forma de uma hermenêutica diatópica, que consiste num procedimento de tradução em que as premissas de cada cultura transformam-se em argumentos, buscando-se uma compreensão recíproca, "parte-se da idéia de que todas as culturas são incompletas e, portanto, podem ser enriquecidas pelo diálogo e pelo confronto com outras culturas".²¹ O trabalho de tradução também pode ocorrer entre as práticas sociais e seus agentes. Reside aqui um ponto central da atuação da UPMS, já que quanto maior for a inteligibilidade entre as ações dos movimentos maior será a possibilidade de articulação entre elas. Boaventura de Sousa Santos sintetiza:

Por um lado, a sociologia das ausências e a sociologia das emergências permitem aumentar enormemente o stock disponível e o stock possível de experiências sociais. Por outro lado, como não há um princípio único de transformação social, não é possível determinar em abstracto articulações e hierarquias entre as diferentes experiências sociais, as suas concepções de transformação social e as suas opções estratégicas para levá-las à prática. Só através da inteligibilidade recíproca das práticas é possível avaliá-las e definir possíveis alianças entre elas.²²

Justamente como uma tentativa de facilitar o diálogo sem destruir a identidade dos interlocutores, a tradução tem como objetivo trazer à tona os pontos de aproximação entre as práticas sociais desenvolvidas pelos grupos, mas não como simples troca de idéias e sim como um primeiro passo para articulações e concentração de esforços em projetos transformadores em comum. O que está em jogo é o fim da fragmentação e atomização que se manifesta como um lado obscuro da diversidade e da multiplicidade manifestada em encontros como o Fórum Social Mundial.

Assim como Paulo Freire pensou nos círculos de cultura como ambientes para apresentação dos vocábulos a serem decodificados e resignificados, a UPMS pretende estimular a organização de zonas de contato interculturais onde se explicitam os conceitos e as práticas a

²⁰ Ibidem, p. 123.

²¹ Ibidem, p.126.

²² Ibidem, p.127.

serem traduzidas. Nestas zonas de contato a diversidade é vista não como fator de fragmentação e isolamento, mas antes como condição de compartilhamento e solidariedade, fundada no sentimento de incompletude recíproca como condição para a efetivação do diálogo intercultural.

Para Boaventura de Sousa Santos²³ o exercício do trabalho de tradução entre conhecimentos pode criar uma justiça cognitiva global através da imaginação epistemológica e o trabalho de tradução entre práticas pode criar as condições para uma justiça social global através do exercício da imaginação democrática. Deste modo, a UPMS se coloca como elemento central no âmbito do desafio que os movimentos da globalização contra-hegemônica vêm enfrentando. Em tempo, o de que uma vez equacionada a questão da agregação e articulação propiciada pelo FSM, pergunta-se como dar maior intensidade aos encontros gerando alternativas mais consistentes e compreensíveis.

Conclusão

A proposta de tradução intercultural, que vai beber na fonte freiriana, representa um avanço no método de Paulo Freire. Este avanço se dá significativamente por sua proposta de diálogo inter-temático. Não basta mais identificar o opressor e o oprimido, a lógica dualista ficou para trás. Estamos vivendo em uma sociedade de redes e movimentos em rede, com uma diversidade temática incrível, esta seria a principal marca da nossa contemporaneidade.²⁴

Os vários grupos sociais e movimentos que conformam estas redes, independente do tema de suas preocupações e do maior ou menor grau de engajamento nas lutas necessárias às mudanças sociais, trazem em seu interior a semente da irrisignação, da perplexidade com o presente e da crença na possibilidade das mudanças. Isto fica notório em encontros como o Fórum Social Mundial. Tal sentimento de inconformismo é elemento fundamental para o desenvolvimento de um projeto educativo que se pretende emancipatório. Já nos dizia Paulo Freire, que um projeto educacional precisa ter a convicção de que a mudança é possível:

²³ SANTOS, Boaventura de Sousa. **The Rise of the Global Left**. London: Zed Books, 2006. p. 146.

²⁴ Durante uma comunicação no FSM 2007 em Nairobi.

É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na *compreensão* do futuro como *problema* e na vocação para o *ser mais* como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa *resignação* em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na *rebelia* em face das injustiças que nos afirmamos.²⁵

A UPMS, como um dos possíveis desdobramentos de um projeto educativo emancipatório, proposto por Boaventura de Sousa Santos, passa necessariamente pela formação de tais subjetividades inconformistas e rebeldes para a ação transformadora:

O projeto educativo emancipatório é um projeto de aprendizagem de conhecimentos conflitantes com o objetivo de, através dele, produzir imagens radicais e desestabilizadoras dos conflitos sociais em que se traduziram no passado, imagens capazes de potenciar a indignação e a rebeldia. Educação, pois, para o inconformismo, para um tipo de subjetividade que submete a uma hermenêutica de suspeita a repetição do presente, que recusa a trivialização do sofrimento e da opressão e veja neles o resultado de indesculpáveis opções.²⁶

O trabalho de tradução intercultural é, portanto urgente para criar o diálogo inter-movimentos e também no interior dos movimentos, de modo a potencializar as lutas em curso e as que ainda virão dentro de uma globalização contra-hegemonica. O conhecimento e o (re)conhecimento das diferenças, neste caso, passaria, necessariamente, pela valorização da sua importância, algo que venha para somar na proposta de uma cidadania planetária única e diversa, aspirada pelos componentes do Fórum Social Mundial.

Referências

BELLO, Walden. **The Forum at the Crossroads**. Foreign Policy in Focus. Maio, 2007. Disponível em <http://www.fpif.org/fpif.txt/4196>.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

²⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Op. Cit. p.78.

²⁶ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma pedagogia do conflito**. Op. Cit. p.17-18.

____. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: As abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma pedagogia do conflito**. In: SILVA, Luiz Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos.(Orgs). *Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

____. **A Gramática do tempo**. Para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

____. **The Rise of the Global Left**. London: Zed Books, 2006.